



NO LABIRINTO DA ANÁLISE DE DISCURSO, TESEU E MINOTAURO: PARA PENSAR EM CORPO E CULTURA

Augusto Radde¹

Pensando uma metáfora...

A própria noção de metáfora já é passível de uma releitura nos âmbitos dos estudos da linguagem. Pensar nela a partir de uma disciplina de interpretação, como é o caso da Análise de Discurso (AD), implica considerar o sentido como um vir a ser e que a poesia é inerente à língua, ou seja, considerar que, a partir de Milner, “nada da poesia é estranho à língua e que nenhuma língua pode ser pensada completamente se a ela não se integra a possibilidade de sua poesia.” (MILNER, *apud* GREGOLIN, 2005, p.105). Essa noção de metáfora distancia-se, desse modo, daquela gramatical, que a caracteriza como uma figura de linguagem, capaz de se distanciar de um sentido que seria literal e transparente, usada e aceita apenas em determinados contextos. É a partir da primeira noção, brevemente exposta aqui, que busco um sentido possível para metaforizar o discurso e os elementos que o constituem...

A mitologia nos conta a saga de um herói, Teseu, que em nome de seu povo vai ao labirinto lutar com o Minotauro, monstro com cabeça de touro e corpo de homem, preso num labirinto pelo rei Minos, e usado como um meio de vingança contra a população ateniense. O Minotauro representaria, por um viés, a força, a resistência... o estranho que quer eliminar Teseu, em nome da “honra” do rei. Teseu, por sua vez, seria o herói, o esteriótipo, também de força e resistência, sagacidade e coragem. Em uma leitura diferente, talvez mais de acordo com o senso comum, o homem-touro representaria apenas o mal, aquele que se apresenta como o vilão que precisa ser eliminado para que tudo volte a transcorrer normalmente, a partir da vitória de Teseu.

Trago esse breve fragmento, interpretado, da mitologia grega, para, neste texto, aproximá-lo da AD. É possível trazer essas figuras mitológicas, Teseu e Minotauro, para falar de um lugar teórico que apresenta um modo singular de pensar a língua, pelo fato de que com ela é trazida a ideologia na constituição dos efeitos de sentido, numa relação mútua de determinação. Lá na mitologia, ambas as personagens aparecem em combate, resistindo e, ao passo que reproduzindo, transformando e desestabilizando sentidos. Uma luta representativa de ideais e ideologias que permeiam o imaginário social e que, no entanto, são passíveis de uma ruptura. É nesse ponto que eu a trago como uma metáfora para se pensar a AD de Michel Pêcheux e seus seguidores.

Na AD, o que se coloca como fator essencial é o discurso como *efeito de sentidos*, oriundos do fato de que o que há são posições de sujeito inscritas no simbólico, em busca de significações que não se querem UNAS, mas sim que convivem entre si e em relação com a exterioridade, fundamental

¹ Graduado em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, UFPEL. Especialista em Linguagens Verbais e Visuais e suas Tecnologias, IFsul. Mestrando em Estudos da Linguagem: Teorias do Texto e do Discurso, UFRGS, sob orientação de Maria Cristina Leandro Ferreira. Membro do grupo de pesquisa Análise do Discurso e Interfaces, UFRGS.



para que se chegue a uma possível interpretação. Nesse sentido, Teseu E Minotauto convivem, por um espaço de tempo, em um labirinto, lutando corpo-a-corpo e representando posições antagônicas que permeiam um imaginário social determinado ideológica e culturalmente, onde o corpo e a cultura emergem com força para constituir o sujeito, determinando-o e possibilitando a ele a rachadura, a partir da qual se vislumbra a contradição. Esta, por sua vez, coloca a ver essas diferentes posições de sujeito convivendo na aparência do UM. Desse modo, para aproximar de Pêcheux, o OU abre espaço para o E o estranho convive (des)harmoniosamente com o previsível.

O discurso pode ser pensado metaforicamente, então, como um labirinto, por onde caminha o sujeito em busca de uma “saída”, de um dizer que o signifique e o faça ser entendido, fazendo com que ele se esqueça de que é interpelado ideologicamente e dividido pelo inconsciente, possível também de ser pensado como um labirinto. Desse modo, neste trabalho o corpo será considerado também como uma materialidade discursiva, como um lugar, ao lado da linguagem, de inscrição do sujeito e submetido, também, a uma cultura. O discurso, entre língua e corpo, como um lugar que comporta Teseus E Minotauros em combate, lutando e resistindo, cada qual com a sua verdade...

Em *Discurso: estrutura ou acontecimento*, Pêcheux entra fundo na questão da interpretação e começa sua reflexão a partir de uma análise de um enunciado que marca um acontecimento histórico: O enunciado “On a gagné”. Esse dizer, referente à mudança no cenário político da França, quando a esquerda vence a direita, serve como base para o pensamento do autor a respeito desse par constitutivo dos sentidos, que é o par que dá título ao livro e que o guia durante toda sua reflexão. *Estrutura ou Acontecimento?*

Através dessa pergunta que serve de motor à reflexão, o que vemos é uma resposta a todo pensamento que requer uma univocidade de sentidos, uma lógica estabilizada que se opõe ao instável, ao não-um, à opacidade... Desse modo, marcando esse *dizer-pergunta* com a conjunção OU, Pêcheux nos traz uma desconstrução de tudo aquilo que é comum às nossas práticas cotidianas, ou seja: ao questionar a transparência de um acontecimento político, marcado pela transparência linguística de um enunciado logicamente estabilizado, somos levados pelo autor a refletir sobre até que ponto aquilo que é dito quer dizer somente aquilo que é dito, até que ponto uma posição ideológica se faz ver na língua. E a utilização da conjunção OU na análise desse enunciado nos mostra o caminho seguido pelo senso comum como aquele que não deve determinar um pensamento que requeira uma interpretação crítica acerca dos fatos, uma interpretação que leve em conta a existência de um Real, que, nas palavras do autor, representa “pontos de impossível, determinando aquilo que não pode não ser assim.” (PÊCHEUX, 2008, p. 29)

Desse modo, Pêcheux vai apresentando uma reflexão sobre essa homogeneidade lógica que nos constitui socialmente e que esconde regiões *heterogêneas do real*, formando uma verdade (um real) aparente que nos rege e tenta nos impedir de qualquer deslize, de qualquer interpretação que rompa com essa disjunção e resista a esses espaços logicamente estabilizados. Segundo o autor,

[...] tudo se passa como se, face a essa falsa aparência de um real natural-social-histórico homogêneo coberto por uma rede de proposições lógicas, nenhuma

pessoa tivesse o poder de escapar totalmente, mesmo, e talvez sobretudo, aqueles que se acreditam não-simplórios... (PÊCHEUX, 2008, p. 32)

E assim percebemos um E no pensamento de Pêcheux no que se refere à própria constituição do sujeito, ou seja, somos assujeitados E resistimos... Esse E articula também ideologia e língua, o que fica perceptível no decorrer do texto, quando a resposta ao título torna-se um pouco mais visível, no sentido de que a estrutura deve ser considerada ao lado do acontecimento na constituição dos sentidos, invalidando esse senso-comum-disjuntivo e apresentando uma nova maneira de se estar no mundo, onde, para que seja possível tocar o real, o OU abre espaço para o E, e os equívocos e contradições passam a ser constitutivos dos sujeitos.

O corpo e a cultura nesse labirinto

De início, considero pertinente trazer o pensamento de Michel Foucault no tocante a seu vasto trabalho sobre disciplinarização dos corpos, em que ele trata das relações de poder que são exercidas sobre o sujeito, afetando sua relação com o corpo, seu modo de se perceber enquanto sujeito a partir de num imaginário afetado por normatizações e regularizações do corpo.

Numa das aulas que compõem a obra *Os Anormais*, Foucault vai tratar a questão da sexualidade, relacionando-a diretamente à prática de confissão², seguida da penitência. Não me deterei aqui a essa reflexão do autor, contudo considero pertinente o ponto de chegada, já que ao fazer um percurso histórico a respeito das permissões e proibições impostas pela igreja aos sujeitos no que se refere à sexualidade, ele chega a uma mudança operada no interior desse poder que regula os corpos em relação ao sexto mandamento, a luxúria: segundo Foucault, a partir do século XVI, o aspecto relacional da sexualidade vai perdendo espaço – sem, contudo, deixar de existir, nos âmbitos de uma investigação do pecado, – para o corpo. Nesse contexto, então:

Não é mais o aspecto relacional, mas o próprio corpo do penitente, são seus gestos, seus sentidos, seus prazeres, seus pensamentos, seus desejos, a intensidade e a natureza do que ele próprio sente, é isso que vai estar agora no foco mesmo desse interrogatório sobre o sexto mandamento. (FOUCAULT, 2010, p. 160)

Nesse sentido, o corpo passa a ser objeto de regulação da sexualidade do sujeito, sob a aparência de uma liberdade aclamada pelo “poder dizer” sobre ela, que acompanha as práticas de regulação na sociedade capitalista a partir de então. Dessa forma, passa a existir toda uma organização, uma regulação dos corpos, que culminará na anomalia da sexualidade, numa época em que “(..) vemos crescer no exército, nos colégios, nas oficinas, nas escolas, todo um disciplinamento do corpo, que é o disciplinamento do corpo útil.” (Op. Cit. p. 166)

Em que isso se aproxima do nosso labirinto? A partir do momento que olhamos para o corpo como um lugar de inscrição do sujeito do discurso, passamos a considerá-lo como uma materialidade

² Para melhor compreender essa relação entre a confissão e o corpo, constituída e caracterizada a partir dos modos de revelação da sexualidade, em seus percursos históricos, pode-se ler o referido texto de Foucault, da página 143 à 166, referente à aula de 19 de fevereiro de 1975.

discursiva que está na relação, portanto, entre língua e ideologia. Passamos a enxergar o corpo como um lugar da ordem da incompletude, de falhas e de furos, considerando que na nossa sociedade, “(...) a forma sujeito histórica tem sua materialidade e que o indivíduo, interpelado em sujeito pela ideologia, traz seu corpo por ela também interpelado.” (ORLANDI, 2012, p. 87). Do mesmo modo, é possível puxar a cultura para esse labirinto, vislumbrando sua relevância na constituição *desse* e constituída *por* esse sujeito.

Ferreira (2011a), ao considerar a possibilidade de o *social* e a *cultura* entrarem com força no campo teórico, considera a cultura como um lugar de produção de sentidos, já que, aos moldes da ideologia, ela estaria a serviço de uma naturalização de sentidos, apagando a historicidade de fatos sociais que podem, mesmo ausente, significarem na materialidade discursiva produzida pelos sujeitos em seus discursos e em suas práticas. Uma cultura que, ao passo que determina os modos de subjetivação dos sujeitos, configura-se como um lugar da falha, que possibilita a esses sujeitos, no interior de uma FD, determinada por essa cultura e pela ideologia, reciprocamente, confirmar ou transformar sua identidade, que é configurada a partir da estabilização aparente de um imaginário social.

Na sequência do texto, Ferreira aproxima a noção de cultura à de corpo, o qual funcionaria, para além de um corpo empírico, biológico, numa dimensão discursiva, como um *corpo cultural*, fazendo parte do aparato teórico da AD e constituindo-se como um lugar de inscrição do sujeito, trabalhando, desse modo, na produção de efeitos de sentido. Nas palavras da autora, “esse *corpo que fala* seria também *corpo que falta*, donde, a possibilidade de incluir a noção de *real do corpo*.”(p. 60, grifos da autora).

Desse modo, vamos percebendo as relações que podem ser estabelecidas, a partir das quais a noção de real trazida da Psicanálise e re-configurada por Pêcheux no interior dos estudos da AD, quando o autor trata do mesmo como uma presença ausente, que não se cansa de interferir nos processos de significação, pode, como sugere Ferreira, ser estendida ao corpo e também à cultura, o que a autora defende dizendo que:

A exemplo do que singulariza o registro do real nas concepções com que trabalha a Análise de Discurso, onde está presente o traço da incompletude e da não-sistematicidade, o real como um corte, a falta originária da estrutura, poderíamos estender esses traços distintivos à noção de *real da cultura*. (p.60, grifo da autora)

E assim vemos as noções de corpo e de cultura fazendo parte desse labirinto, sendo chamadas a compor o quadro epistemológico da AD. Se consideramos o sujeito do discurso duplamente afetado, pela ideologia e pelo inconsciente, o corpo enquanto materialidade discursiva, deve, do mesmo modo, ser pensado como duplamente constituído, como um efeito que, ao passo que se mostra, se esconde. Da mesma forma, a cultura deve ser pensada em sua diversidade, de modo que essa diversidade seja constitutiva do sujeito e permita ver a sua contradição, a sua resistência à dominação ideológica.



A contradição do corpo entre FD's: uma breve análise...

No filme *La mala educación*, traduzido no Brasil como *Má educação*, de Pedro Almodóvar, há uma cena numa igreja, em que um padre conversa com um de seus alunos do seminário, em que considero relevante fazer uma breve leitura sobre o funcionamento discursivo do corpo. Nessa cena, há uma metaficção, já que nela o padre, a partir da leitura de um roteiro cinematográfico que lhe é apresentado pelo aluno, já adulto, relembra/visualiza um passado que diz respeito a ambas as personagens.

Todo o filme apresenta essa relação que nos é apresentada entre passado e presente, trazendo o corpo como um objeto contraditório, num contínuo embate entre real e imaginário, mediatizado pelo simbólico, que, nesse caso, pode ser tanto a linguagem verbal, como o próprio corpo representado nas imagens, o corpo visto, mas muito mais escondido. Um corpo da ordem do real, que "(...) além de ser afetado pelo atravessamento da linguagem, além de *falar*, ele *goza*", um corpo que não pode, enquanto componente do labirinto que é o discurso, "ser pensado apenas como simbolizado." (FERREIRA, 2011b, p.97). Entretanto, realizo um pequeno recorte, na tentativa de forjar uma interpretação a partir do funcionamento discursivo que coloca a ver a determinação, dialética, das formações brevemente teorizadas aqui, sobre os sentidos.

Na cena 5, quando o passado é recordado no roteiro lido pelo padre, o que vemos é uma imagem fixada em uma moita de bambus, que não nos permite a visualização dos corpos, nem do padre, nem do aluno... Em seguida, um grito exclamado de *Não!* antecipa a aparição do corpo do menino, em fuga, saindo da moita e sendo levado ao chão, marcando linguisticamente a cena. Logo aparece o padre saindo da mesma moita, abotoando o hábito, em direção ao menino. Na queda, o corpo do menino confronta uma pedra e de sua testa escorre um sangue que divide seu rosto em dois.

O funcionamento discursivo, no que tange à imagem do corpo, parece colocar em jogo duas posições de sujeito imersas na mesma formação discursiva (FD) e representadas na figura do padre. Uma formação ideológica (FI) religiosa, materializada na imagem do seminário enquanto um todo, e da igreja católica em algumas partes, através de rituais e dizeres que permeiam todo o filme, assim como na própria constituição dessas personagens em questão, é possível de ser identificada a uma FD católica, que determina os dizeres dessas posições sujeito, bem como o funcionamento dos corpos desses sujeitos.

Contudo, o corpo do padre, enquanto objeto discursivo, resiste aos saberes dessa FD, transformando os sentidos no momento em que ele se coloca enquanto corpo do real, veículo do desejo, e transgredir uma regra de conduta cristã, inerente à FD e à FI em questão, no que diz respeito ao comportamento e à prática de um padre. Tal fato faz emergir do inconsciente a contradição do sujeito e com ela a contradição do corpo, numa cultura imersa na formação social (FS) capitalista, que determina os modos de produção na atualidade e que traz resquícios visíveis da FS religiosa que determinava essas relações outrora.



O que goza, então, para nos aproximarmos da psicanálise, é um corpo que na nossa cultura, diretamente ligada a esse imaginário determinado pela religiosidade, além de determinado pelo capitalismo, “(...) funciona como algo que tem que ser recalcado, na medida em que é suporte do desejo, é bem claro que da mesma forma ele é – é preciso dizer assim – o lugar do inconsciente.” (MELMAN, 2002, p.35). Esse corpo representaria, nesse sentido, uma das posições de sujeito em questão. A outra, sem aprofundar aqui, seria representada pela imagem do corpo que nos é mostrada como diretamente relacionada aos saberes dessa FD, a do corpo vestido pelo hábito, seguidor de uma conduta apropriada a esses saberes, mantida fielmente na ilusão dos universos logicamente estabilizados de que nos falava Pêcheux. Um corpo da culpa, objeto de regulação dos sujeitos, para lembrar Foucault.

Tentando achar a saída do labirinto, para nele permanecer...

É preciso salientar, aqui, que o corpo tratado dessa maneira é um corpo discursivo, que, sendo um lugar de inscrição do sujeito, pode ser passível de ser trabalhado, no momento, pelo mesmo viés teórico desse sujeito do discurso, mesmo que seja (pre)visível a necessidade de uma singularidade desse objeto nos estudos da AD. Um corpo pensado “em sua materialidade significativa enquanto corpo de um sujeito.” (ORLANDI, 2012, p.85)

O corpo figura, então, como um elemento que comporta, assim como a linguagem, a falta, o equívoco, capaz de resistir e mostrar a contradição do sujeito e que, portanto, pode ser considerado como um elemento passível de análise, como um corpo sexuado, que transgredir as normatizações históricas de suas relações com os sujeitos. Se considerarmos o não dito significando no dito por palavras, podemos considerar o não visto significando no visto pelo corpo, nesse heterogêneo labirinto, que abriga, para lembrar a metáfora, Teseus E Minotauros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GREGOLIN, Maria do R. V. *Michel Pêcheux e a História Epistemológica da Linguística*. In: Estudos da Língua(gem): Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. Número 1. Vitória da Conquista, jun/2005.
- FERREIRA, Maria C.L. *O lugar do social e da cultura numa dimensão discursiva*. In: INDURSKY, Freda; MITTMAN, Solange; FERREIRA, Maria C.L. *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.
- _____. *O discurso do corpo*. In: SANSEVERINO & MITTMANN (orgs.) *Trilhas de investigação: A pesquisa no I.L. em sua diversidade constitutiva*. Porto Alegre, Instituto de Letras/UFRGS, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *Os Anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo, SP: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- MELMAN, Charles. *A questão do corpo em psicanálise*. In: Em revista: Psicanalizar hoje. Ano VI, número 6. Curitiba, PR: Associação psicanalítica de Curitiba (publicação interna), 2002.
- ORLANDI, Eni P. *Processos de significação, corpo e sujeito*. In: et alii. *Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia*. 2ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.
- PÊCHEUX, Michel. (1969) *Análise automática do discurso (AAD69)*. In: GADET & HAK (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 4ed. Campinas, SP, Unicamp, 2010.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
VI SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO
1983 - 2013 – Michel Pêcheux: 30 anos de uma presença
Porto Alegre, de 15 a 18 de outubro de 2013

_____. (1983). *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. 5ed. Campinas, SP: Pontes, 2008.

_____. (1984). *Especificidade de uma disciplina de interpretação (A Análise de Discurso na França)*. In: *Análise de Discurso: Michel Pêcheux. Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi*. 2ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.